

Ainda primeiro as Pessoas...

Depois as coisas (Guiné 1973)

Tenho insistido nesta hierarquia de valores e assim irei seguindo. As pessoas, nós, não podemos ser números, percentagens de tudo e de nada, ficando sempre a estranha sensação de que estamos a atrapalhar, que agravamos percentagens que por nossa causa ficam desequilibradas, naturalmente face a outros números, do PIB, do Desemprego, da Segurança Social, da Saúde ...

Parece que o País não é para nós e pior, que não é NOSSO.

Aos jovens atira-se-lhes um “rua daqui para fora”, aos velhos que não podem por cá andar tanto tempo, aos da idade madura que se mentalizem, porque a velhice começa daqui a pouco, seguramente pelos cinquenta...

Não há consideração de quem manda, ou julga que manda, pelos outros.

Mas há exceções, claro!

Deixem-me contar-vos uma delas, que escolho de entre várias por ter um protagonista cujas ideias e ideais políticos não eram das minhas preferências, mas demonstra que quem respeita pessoas e com elas se preocupa, encontra soluções, até inesperadas, que as satisfaçam.

Estive na guerra, na Guiné, para aí empurrado em Julho de 1973.

Aí chegado foram-me atribuídas as funções de chefe dos reabastecimentos, no Batalhão de Intendência.

Tudo o que os soldados consumiam em toda a Guiné saía da Manutenção Militar em Bissau onde o meu serviço tinha o exclusivo do abastecimento, daí fazendo o transporte, por ar, terra, mar e rio, para os postos avançados de reabastecimento no interior (os Pint's).

Por essa altura comandava por aí as tropas o então general António Spínola, homem austero, duro, mas cuja preocupação pelos soldados, sobretudo os combatentes no terreno era bem conhecida e reconhecida.

Pois bem, a certa altura da guerra, sobretudo após a perda do domínio aéreo, mais se intensificou a morte de soldados que faziam a protecção das colunas de reabastecimento, ou aos barcos da Marinha que transportavam mercadoria (as LDG's ou LDM's).

Havia que estancar essa hemorragia. Solução?

Deixou de haver escoltas militares às colunas de camions e aos barcos e a mercadoria era transportada à guarda e responsabilidade de acompanhantes civis guineenses. Tinha 50 à minha disposição.

Se alguma coisa faltava à chegada era anotado e no regresso o serviço de reabastecimento, o meu serviço após Julho de 1973 e até ser chamado para adjunto do então Tenente-Coronel Carlos Fabião, para o Palácio do Governo, logo após o 25 de Abril de 74, o meu serviço, dizia, fazia as contas e o acompanhante pagava a mercadoria em falta, consoante tabela em vigor, sem falhas, atrasos ou protestos. E não morreu mais nenhum soldado no que à protecção aos reabastecimentos dizia respeito. Este sistema não mais foi atacado, nem mesmo após se verificar que em cada transporte, sobretudo no fluvial, cerca de metade da carga não chegava ao destino, desaparecendo misteriosamente durante a noite.

Claro que sabíamos o que acontecia. Por esses tempos alimentámos o nosso Exército, mas também o do PAIGC.

Ninguém tinha dúvidas de que lado estavam os acompanhantes civis...

Foram-se cervejas, whisky's (dos melhores) víveres e o mais que se transportava, mas ficaram os homens que antes também "iam".

Achei estranho na altura! Compreendo-o melhor agora e louvo a opção pelas pessoas como prioridade absoluta, mesmo, ou sobretudo, em situações de adversidade e opções limite.

O exemplo é realmente extremo, mas por isso mesmo esclarecedor.

As pessoas são a medida de todas as coisas, assim acredito. Deviam-no ser para todos.

Não foi o sol abrasador no protesto dos Advogados e outros Cidadãos no passado dia 15, junto à Assembleia da República, exactamente por causa das pessoas, que me afectou a cabeça. Assim penso há muito, agora com redobradas razões para não mudar de ideias.